
“Desconhecidos Íntimos”: A transformação da intimidade no Facebook¹

Bárbara QUEIROZ²

Renata REZENDE³

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro

Resumo

O artigo é parte de um estudo ampliado sobre a intimidade a partir das conexões nas redes sociais digitais. Nesse texto, especificamente, tomamos como objeto de análise a comunidade Lana Del Rey Vevo (LDRV), que possui mais de 430 mil membros no Facebook, na tentativa de verificar por que os indivíduos compartilham segredos e assuntos íntimos entre desconhecidos nas redes sociais digitais. Em percurso metodológico que combinou teoria e análise empírica, apresentamos os resultados de um questionário aplicado com usuários da comunidade supracitada. Em reflexões iniciais, percebemos que as “narrativas catárticas” são responsáveis pela maior parte do compartilhamento da intimidade na rede.

Palavras-chave: Cibercultura; Redes Sociais Digitais; Intimidade; Cotidiano; Facebook;

Introdução

Por definição a ideia de intimidade é construída a partir da proximidade, seja nas relações amorosas, familiares ou de amizade, estando associada à vida “doméstica”, ou ao que geralmente acontece em espaços privados no cotidiano dos indivíduos. Na prática, no entanto, a intimidade é muito mais complexa que as descrições encontradas nos dicionários. Intrinsecamente, é inconstante e, em função do tempo, tanto o significado do termo quanto a proximidade e a liberdade do relacionamento tornam-se volúveis diante das experiências vivenciadas nas relações e também nas transformações da sociedade, ou seja, a intimidade varia, inclusive, dentro de um mesmo relacionamento.

Independentemente de como e por que as relações são estabelecidas, é possível

¹ Artigo apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital (DT 5 – Multimídia) no XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), membro do Grupo de Pesquisas MULTIS - Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia. E-mail: barbaraqueiroz@id.uff.br

³ Professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense/UFF. Doutora em Comunicação, com estágio pós-doutoral na Université Paris V/Sorbonne. Coordenadora do Grupo de Pesquisas MULTIS - Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia. E-mail: renatarezender@yahoo.com.br

afirmar que a intimidade⁴ pressupõe que existe algo a ser compartilhado entre duas ou mais pessoas: “a intimidade implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública” (GIDDENS, 1993, p.11). Para Giddens a transformação da intimidade pode, inclusive, influenciar subversivamente as instituições modernas como um todo, na medida em que ela reconstitui as próprias esferas do público e do privado.

À luz do que Thompson (2002, p.181) afirmou, antes mesmo da web 2.0, sobre a experiência do eu no mundo mediado, o desenvolvimento da mídia não apenas transformou a formação do self, mas reinventou a ideia de intimidade em diferentes aspectos. Com a percepção de novas possibilidades de “ser” proporcionadas a partir do desenvolvimento tecnológico midiático, principalmente através da televisão no século XX, a construção do self deixou de ser resultado exclusivo da autorreflexão, restrita a características locais e íntimas, e passou a incorporar um conjunto de referências em constante mutação. Com a internet, principalmente a partir do século XXI, isso se intensificou para além da transformação da visibilidade; houve uma expansão significativa de recursos simbólicos acessíveis aos indivíduos, alterando, inclusive, aspectos da formação identitária dos mesmos. A construção do self passou a consistir, também, em uma constante edição de si a partir das experiências que atravessam o indivíduo, entre elas, as vivências nas redes sociais digitais.

Esse texto versa sobre como as experiências no cotidiano midiaticizado das redes sociais transformam a ideia de intimidade. Para essa abordagem, o objeto de análise escolhido foi o grupo do *Facebook* **LDRV**⁵, composto por mais de 430 mil membros, que conecta usuários de todo Brasil, através da exposição de questões relacionadas à esfera íntima, principalmente questões sobre sexualidade. De forma geral, a intenção da pesquisa foi tentar verificar por que os indivíduos compartilham segredos e assuntos íntimos entre desconhecidos nas redes sociais digitais.

Para tanto, o percurso metodológico compreendeu as fases teórica e empírica. Através de leituras dos sociólogos Anthony Giddens (1993) e John Thompson (2002) buscamos compreender como aspectos históricos, culturais e sociais influenciam o

⁴ Sobre o conceito de intimidade, compreendemos o compartilhamento de experiências do cotidiano em uma relação de confiança mútua entre dois ou mais indivíduos. O cotidiano aqui tomado como o conjunto de práticas comuns e experiências singulares do indivíduo na vida em sociedade. Para definição completa ver *in*: CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, 1998.

⁵ Abreviação para Lana Del Rey Vevo, que será contextualizado no artigo.

comportamento dos usuários na *internet* e nas redes sociais digitais, hoje. Esse referencial teórico também foi importante para a análise e compreensão dos dados obtidos a partir do estudo de caso da comunidade supracitada.

“Sou visto, logo existo”

Para compreender como os indivíduos se apresentam aos outros no ciberespaço é preciso lembrar que esse ambiente não exige a interação face a face física, como nas relações sociais tradicionais. Por essa ausência, “as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras” (DONATH, 1999 *apud* RECUERO, 2009, p.27), de modo que a consolidação de um “eu” é o que possibilita atribuir um rosto às informações e opiniões expostas, dando pistas de quem está do outro lado da tela e proporcionando uma “percepção do outro”, que é “essencial para a interação humana” (DONATH, 1999 *apud* RECUERO, 2009, p.27).

Sodré (2013, p.153) explica que a representação de si no ciberespaço passa por constantes distorções e retoques: “o midiático virtual demanda outros véus, peles, personas, máscaras que, multiplicadas, podem atribuir uma realidade fantasmática ou espectral aos sujeitos”. Nas redes sociais digitais, “os novos mecanismos de construção e consumo identitário encenam uma espetacularização do eu que visa ao reconhecimento nos olhos do outro e, sobretudo, ao cobiçado fato de ser visto” (SIBÍLIA, 2003).

Essa “encenação de si” parte da experiência de fragmentação da vida individual e coletiva. Através do reconhecimento do outro, o sujeito sustenta uma identidade dentro de determinado grupo ou comunidade, ou seja, de um referencial social. A busca pelo pertencimento cria delimitações e condiciona as formas de organização da vida coletiva em sociedade aos interesses do indivíduo. No ciberespaço, não basta o indivíduo ter acesso à internet ou criar um perfil que o permita ser espectador das histórias da vida alheia. Mais do que ver, é preciso ser visto.

Embora a dinâmica de exposição das redes sociais tenha ampliado os limites da visibilidade e a necessidade da criação de narrativas autobiográficas, a incessante interpretação de si mesmo, a partir da experiência fragmentada da vida, não é uma característica que nasceu com a web. Fosse através de diários íntimos ou do intercâmbio de cartas, desde que novos ambientes privados começaram a se proliferar, há três séculos, a escrita de si tornou-se uma prática habitual. Para Paula Sibília,

Na Internet, pessoas desconhecidas costumam apanhar com fruição o relato minucioso de uma vida qualquer, com todas as suas peripécias registradas pelo próprio protagonista enquanto elas vão ocorrendo, dia após dia, de hora em hora, minuto a minuto, com o imediatismo do tempo real (...). Desdobram-se, assim, nas telas interconectadas pelas redes digitais, todo o fascínio e toda irrelevância de ‘a vida como ela é’ (SIBÍLIA, 2003).

As fronteiras entre o público e o privado, mais próximas do que conhecemos hoje, de valorização do espaço íntimo separado do que é de domínio público, surgiram há cerca de três séculos no pensamento social ocidental (RYBCZYNSKI *apud* SIBÍLIA, 2003). A princípio, quando esses dois campos começaram a ser delimitados, cada um possuía suas especificidades: o “público” consistia nas atividades relativas ao Estado, enquanto o “privado” era a esfera das relações sociais.

A intimidade foi se ambientando no campo da vida privada e, “em contraposição aos rituais hostis da vida pública, o lar foi se transformando no território de autenticidade e da verdade, um refúgio onde era permitido ser ‘si mesmo’, ou seja, “um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público” (SIBÍLIA, 2003). Isso, talvez, explique a tendência que temos de relacionar privacidade e intimidade, conceitos que parecem híbridos.

No entanto, privacidade não é, necessariamente, sinônimo de intimidade, assim como a intimidade nem sempre se restringe a ambientes privados. Ao passo que os meios de comunicação empregam a administração da visibilidade, também surge, a partir de sua expansão, a necessidade de administrar a intimidade. Thompson (2002) propõe que pensemos em outras noções de público e privado, nas quais por “público” denominamos o que é “aberto”, ou seja, acessível ao público, e “privado” o que é escondido dele. “Nesse sentido, a dicotomia tem a ver com publicidade *versus* privacidade, com abertura *versus* segredo, com visibilidade *versus* invisibilidade” (THOMPSON, 2002, p.112)

Dunker (2017), ao analisar algumas conformações da intimidade, realiza uma metáfora sobre um pequeno vilarejo do interior, onde todos se conhecem e “há um forte controle das decisões individuais”, que pode gerar desconforto pela “ausência de privacidade”. Em contrapartida, o autor apresenta um segundo cenário, no qual o pequeno vilarejo cresce e passa a receber muitos estrangeiros e fábricas. Logo aparecem novos costumes e tipos de interações sociais.

As pessoas tornam-se relativamente anônimas. Não se sabe mais quem é quem. O espaço público passa a ser enigmático, atraente, mas ao mesmo tempo perigoso. O antigo cerimonial de compras na mercearia, acompanhado de uma longa conversa pessoal sobre os últimos acontecimentos, é substituído pelo rápido e impessoal código de barras (DUNKER, 2017, p. 79).

No contexto das redes sociais digitais, esse cenário se torna uma alegoria de como esse ambiente funciona e ajuda a entender como a intimidade se reinventa nessa atmosfera. Pensando a partir do *Facebook* podemos perceber que cada vez mais a vida privada está aberta (no sentido de visível apresentado por Thompson) ao público, através de diversas ferramentas.

Superficialmente, acabamos criando a ilusão de estarmos no pequeno e seguro vilarejo do primeiro cenário, uma vez que todos sabem da vida uns dos outros, quando, na verdade, a realidade se inclina mais ao segundo exemplo, no qual a mercearia é substituída pela *timeline* da rede social. A vida privada é cada vez mais compartilhada com o público, se distanciando da privacidade e se tornando publicidade⁶. Através de fotos, textos e atualizações de relacionamento, entre outras ferramentas, indivíduos que não se conhecem tornam-se, mesmo assim, íntimos, ainda que essa intimidade seja, aparentemente, superficial.

A intimidade não apenas é mediada, é também administrada por mecanismos que cobram demonstrações públicas. O *Facebook*, por exemplo, lembra das datas importantes para as conexões, como aniversários de amizade (na rede social) e produz vídeos comemorativos, com fotos de momentos dessa relação, que os usuários podem compartilhar publicamente.

Na análise psicanalítica de Dunker (2017, p.82), o que buscamos hoje é uma intimidade administrada por regras implícitas, como “enaltecer a expressão íntima alheia”, que mais seria um “exercício narcísico do que a elaboração coletiva da falta de saber falar sobre si mesmo”. É parte da administração da visibilidade, que, hoje, nas “vitrines” das redes sociais, dificulta o estabelecimento da fronteira entre o público e o privado e reconfigura o debate da intimidade.

A própria configuração do Facebook sugere elementos para ampliação da ideia de visibilidade. Ao criar uma conta, o usuário é orientado a adicionar uma foto e preencher

⁶ O que é público, ou seja, relativo ao povo, definição contrária a ideia de privacidade. No contexto dos meios de comunicação de massa, para esta pesquisa, pode ser considerada a propaganda e a divulgação de si próprio.

um perfil com dados gerais e informações pessoais sobre relacionamento, religião, preferência política, entre outros interesses diversos. “No que você está pensando?” é o estímulo mais explícito para a exposição. O mural no qual a frase aparece é um espaço para os atores compartilharem pensamentos, opiniões e a própria rotina com o auxílio de fotos, vídeos e transmissões ao vivo. A atualização do *status* (atividade) pode vir acompanhada de “sentimentos”, check-in (localização ou participação em eventos), enquetes, entre outros. As informações do mural também são incorporadas ao perfil e exibidas para pessoas que fazem parte de cada rede de relacionamentos, de acordo com a configuração de privacidade escolhida pelo usuário.

Lana Del Rey Vevo

A interação entre os usuários de uma rede social pode acontecer a partir de diversos objetivos, sejam eles para somar ou dividir opiniões. Na maior parte das vezes, acreditamos que agregar valores simbólicos seja a principal motivação para estabelecer uma conexão. É nesse contexto, em um circuito de “desconhecidos íntimos” que se estabelece o LDRV, um conjunto de comunidades no Facebook que altera as definições mais comuns sobre intimidade, entre elas a proximidade e as relações estáveis e duradouras. LDRV é a sigla para “Lana Del Rey Vevo”, nome que faz menção a cantora Lana Del Rey⁷ e a plataforma de vídeos Vevo⁸, com significado desconhecido por muitos membros do próprio grupo. A sigla foi criada por Ananias Neto, conhecido como Kaerre, morador de Guanambi, um município com pouco mais de 80 mil habitantes no interior da Bahia.

O LDRV é enraizado no humor. Em uma entrevista à revista Glamour, em 2018, Kaerre Neto explicou que, a princípio, “Lana Del Rey Vevo” era uma página, não um grupo, voltada para cultura *underground*, no qual publicava montagens e tiras humorísticas sobre cantoras alternativas, o que nos ajuda a explicar o nome da comunidade. Quando a página chegou a mais de três mil seguidores, em novembro de 2013, Ananias Neto (Kaerre) criou o primeiro grupo LDRV.

⁷ Cantora e compositora norte-americana. Suas canções têm temáticas de romances trágicos, glamour e melancolia, e referências à cultura pop dos Estados Unidos dos anos 1950 e 1960. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lana_Del_Rey. Acesso em 30/03/2019.

⁸ Empresa produtora de conteúdos originais de música para a plataforma You Tube. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vevo>. Acesso em 30/03/2019.

Não imaginei que poderia me identificar com tanta gente. Não sei se é o fato de morar no interior da Bahia, em um lugar muito restrito de pessoas parecidas comigo, mas nunca imaginei que teria tanta gente que viesse participar do LDRV, sendo ativamente presentes e amando o grupo como eu amo (Ananias Neto, em entrevista à Stefani Sousa, para a revista Glamour, 20/11/2018).

A declaração dada à revista reforça a ideia de que as redes sociais são vias de construção do capital social⁹, atemporais e irrestritas a espaços materiais e importantes para interações que antes pareciam impossíveis no mundo off-line, principalmente se levarmos em conta o volume a distância entre os usuários.

O pertencimento¹⁰ e a intimidade entre os desconhecidos são cultivados principalmente pelo lema “o que acontece no LDRV, fica no LDRV”, uma regra¹¹ que visa garantir o sigilo do conteúdo compartilhado, criando um suposto ambiente de confiança entre os usuários, que podem expor dramas que não compartilham em relações físicas, por exemplo. Majoritariamente formado pela população jovem LGBT+, mas aberto a mulheres heterossexuais, o grupo chegou a atingir 1 milhão de membros, apesar de ter a configuração fechada no Facebook.

Para conter o crescimento do grupo, os administradores responsáveis por monitorar as postagens e aprovar a participação de novos membros, estabeleceram um sistema de “eras” (o nome de cada grupo passou a ser composto pela sigla LDRV mais o nome da nova “era”). Desse modo, sempre que um grupo se torna maior do que os administradores podem controlar, o mesmo é arquivado. Para fazer parte de uma “nova era”, é preciso solicitar novamente acesso aos administradores.

Devido à variedade de *spin-offs* que existe sobre as comunidades com essa denominação, realizamos um levantamento de todos os grupos visíveis no Facebook, mapeando-os segundo nome; data de criação; número de participantes; configuração de

⁹ O capital social está relacionado à moralidade e à reciprocidade nas relações, ou seja, é uma visão positiva e coletiva do conceito, pautada na confiança que os atores depositam em suas conexões. Bourdieu (1983), por exemplo, defende que embora o capital social seja adquirido através das relações sociais, é utilizado como um recurso para obter pertencimento e reconhecimento dos membros em determinada comunidade, satisfazendo um interesse individual.

¹⁰ Embora o pertencimento tenha sido abordado pela perspectiva da inclusão, destacamos que esse sentimento também poderia ser investigado sob a ótica da exclusão. O não-pertencimento pode refletir em uma sociedade mais excludente, com indivíduos mais solitários e isolados.

¹¹ A comunidade tem uma série de regras, basicamente pautadas em nove princípios: “1. relaxe e pegue leve” (para evitar discussões polêmicas); “2. alguém já pode ter postado sua ideia (para evitar postagens repetidas); “3. não farofe” (para evitar postagens aleatórias sobre assuntos não relacionados à comunidade); “4. só existe um LDRV” (para explicar que se trata de um único grupo, apesar das divisões em eras); “5. respeite a privacidade de todos” (para marcar a questão da confiança na intimidade); “6. nenhum discurso de ódio ou bullying” (para indicar as regras de tolerância); “7. você está num recinto com muitas pessoas” (para lembrar aos usuários que não se deve incitar atos ilegais de qualquer tipo); “8. não aderimos a condutas individuais” (para lembrar que todas as postagens devem pensar no coletivo) e “9. Nenhuma promoção, fakes, spam ou pirataria” (para reforçar o objetivo do grupo sobre a postagem de questões íntimas, sem outras questões irrelevantes”. Essas regras são contextualizadas na pesquisa de forma ampliada.

privacidade e número de postagens (até março de 2019). Ao todo, 88 grupos com a denominação LDRV foram encontrados. Os dados são referentes a grupos com configuração “público”, embora a maioria seja fechado, uma vez que grupos “secretos” não são exibidos na busca da rede social. Entre esses grupos, escolhemos o LDRV (que utiliza apenas a sigla de Lana Del Rey Vevo), com o maior número de participantes (430.357 membros até março de 2019) e fluxo de postagens (694 novas publicações realizadas apenas em um dia de mapeamento¹²). Além disso, embora esse não seja o grupo original, ele é considerado oficial e participam dele o criador do grupo (Kaerre) e alguns de seus administradores mais conhecidos.

A pesquisa

Conforme situamos, devido ao intenso fluxo de postagens (cerca de 700 por dia), a seleção do conteúdo foi realizada de maneira aleatória, em março de 2019, considerando a repercussão demonstrada pelos números de curtidas e comentários nesse mês. Uma vez que o objetivo da pesquisa foi investigar a questão da intimidade, consideramos relevantes para a coleta apenas as narrativas do cotidiano¹³, descartando as postagens de memes, vídeos e demais assuntos que também circulam no LDRV.

Além do percurso bibliográfico, realizamos uma pesquisa exploratória, combinando diversos métodos de análise (entre eles netnografia e análise de conteúdo) em um estudo de caso do grupo em questão. A metodologia, portanto, toma os estudos das estruturas decorrentes das ações e das interações entre os atores dessas redes. “A análise de redes sociais é, inerentemente, uma empreitada interdisciplinar [...]” (WASSERMAN e FAUST, apud FRAGOSO, 2013, p.115)

É preciso marcar que nosso objetivo foi compreender as intenções e motivações de tais narrativas - como e por que os membros do LDRV partilham a intimidade nesse ambiente, ou seja, o que os tornam “desconhecidos íntimos”, em nossa designação. Nesse sentido, nossa intenção foi identificar as marcas da intimidade no grupo, bem como as principais temáticas, as tipologias de publicações e a linguagem utilizada. Desta forma, na primeira etapa, realizamos uma análise mais geral a partir da observação livre do

¹³ Por narrativas do cotidiano consideramos apenas os textos (acompanhados, ou não, por foto e vídeo) sobre as experiências particulares compartilhadas com o grupo. Em outro contexto, os memes também comporiam tais narrativas, mas não foi proposta dessa pesquisa devido a quantidade de conteúdo a ser analisado.

objeto, compreendendo que tal técnica foi fundamental para direcionar as perguntas do questionário, aplicado na etapa seguinte. O questionário intitulado “Quem é você no LDRV?” foi disponibilizado no próprio grupo selecionado, durante o período de 24 horas, no dia 23 de maio de 2019, registrando um total de 318 respostas. A enquete foi composta por vinte e três perguntas (23), divididas em perfil do respondente, atuação do participante no grupo e o significado do grupo para os usuários, conforme detalhado na tabela abaixo:

PERGUNTAS		FORMATO	
		Perguntas	Respostas
1	Em que faixa etária você está?	Obrigatória	Fechada / Múltipla escolha
2	Qual é o seu sexo?	Obrigatória	Fechada / Múltipla escolha
3	Qual é o seu nível de escolaridade?	Obrigatória	Fechada / Múltipla escolha
4	Por quantas horas você utiliza o Facebook diariamente?	Obrigatória	Fechada / Múltipla escolha
5	Há quanto tempo você participa do LDRV?	Obrigatória	Fechada/ Múltipla escolha
6	Qual é a principal forma que você utiliza para acessar o conteúdo do LDRV?	Obrigatória	Fechada / Múltipla escolha
7	Você é um membro do LDRV que:	Obrigatória	Fechada / Múltipla escolha
8	Se você interage, como é sua atividade no LDRV?	Opcional	Fechada / Múltipla escolha
9	Você já publicou (criando um post próprio) algo pessoal / íntimo no LDRV?	Opcional	Fechada / Múltipla escolha (sim / não)
10	Se respondeu “sim” na questão anterior, com que frequência você publica no LDRV?	Opcional	Fechada / Múltipla escolha
11	Se respondeu à questão anterior, sobre qual (s) assunto (s) você já publicou?	Opcional	Aberta / Caixas de seleção
12	Sobre qual (s) assunto (s) você já comentou em publicações de outras pessoas?	Opcional	Aberta / Caixas de seleção
13	Se você cria novas publicações, elas são mais relacionadas a:	Opcional	Fechada / Múltipla escolha
14	Seus comentários em publicações de outras pessoas são mais relacionados a:	Opcional	Fechada / Múltipla escolha
15	Ao comentar ou criar uma nova publicação no LDRV, qual é o seu principal objetivo?	Opcional	Aberta / Múltipla escolha
16	Você já expôs algo no LDRV que não contaria nem para o seu amigo mais próximo?	Opcional	Múltipla escolha (sim ou não)
17	Se respondeu “sim” anteriormente, qual (s) o (s) motivo (s)?	Opcional	Aberta / Caixas de seleção
18	Como você se sente ao compartilhar algo no LDRV?	Opcional	Aberta / Caixas de seleção
19	Você já se arrependeu de ter publicado ou comentado algo no grupo?	Opcional	Fechada / Múltipla escolha (sim ou não)

20	Se você respondeu “sim” na pergunta anterior, por que?	Opcional	Aberta / Caixas de seleção
21	Você acredita que, através da sua participação no grupo, está se expondo?	Obrigatória	Fechada / Múltipla escolha (sim ou não)
22	Se você respondeu “sim” na questão anterior, por que?	Opcional	Aberta / Resposta longa
23	O que é o LDRV para você?	Obrigatória	Aberta / Resposta longa

Tabela 1. Questionário aplicado na pesquisa no grupo LDRV

Ressaltamos que os resultados apresentados fazem parte de um escopo de 318 respostas em um grupo que ultrapassa 430 mil membros.

Resultados¹⁴

Em relação ao perfil dos usuários, o LDRV é composto principalmente por jovens entre 18 e 25 anos (85,5%), do sexo feminino (92,5%) e que estão no ensino superior (graduação: 72,1%). Sobre a utilização do Facebook, quase metade (49,4%) afirmou utilizar a rede social por um período de uma a três horas por dia, enquanto 28,6% está de quatro a seis horas por dia online no Facebook. A maioria dos respondentes participa do LDRV por um período que varia entre um a quatro anos e 72,3% consome a maior parte de conteúdo do grupo através das postagens que aparecem na página inicial. Sobre os critérios de interação, 87,3% dos usuários afirma interagir com as publicações, principalmente comentando o conteúdo publicado por outros membros do grupo. Apenas 24,7% afirmou já ter criado uma nova postagem no LDRV pelo menos uma vez, o que pode ser consequência da regra do próprio grupo que sugere que os usuários participem das discussões já existentes antes de criarem novas publicações sobre o mesmo tema.

Quanto ao conteúdo, os principais assuntos que circulam no LDRV estão relacionados a amor, família, amizade e sexualidade. A maioria das publicações (71,7%) e dos comentários (68,8%) refere-se aos “dramas do cotidiano”, compartilhados como “narrativas catárticas”¹⁵ pelos usuários na tentativa, principalmente, de buscar identificação.

¹⁴ Os resultados serão expostos em síntese, sem as tabelas e os quadros analíticos de todas as questões devido à orientação espacial do template do artigo, solicitado pelo congresso.

¹⁵ “Lamentações cotidianas”, numa espécie de “purgação de reclamações e insatisfações” a partir da interação com demais usuários, numa espécie de catarse coletiva. Ver mais in: REZENDE, Renata. A catarse cotidiana: performances dramáticas no Facebook. *Culturas midiáticas*, v.7, n. 13, p.142-156, 2014.

Ao serem questionados se já compartilharam no LDRV algum “segredo”, 28,9% dos usuários respondeu que já compartilhou no grupo algum drama que não contaria nem a seu amigo mais próximo. A principal justificativa foi que se sentem mais confortáveis em falar desses assuntos com desconhecidos e em um grupo no qual outras pessoas possam se identificar. Ao compartilhar a intimidade no LDRV, muitos usuários se sentem indiferentes, mas a maior parte se sente ouvido, compreendido e, principalmente, pertencente, segundo dados da enquete. Dos 31,5% que se arrependeram por compartilhar algo no grupo, a maior parte justificou ter feito a postagem por impulso.

De todas as perguntas fechadas, a que questionava se os usuários acreditavam estar se expondo ao participar do LDRV foi a que mais dividiu opiniões: a maioria acredita que sim (58,2%), principalmente por não ser possível controlar quem faz parte do grupo.

A última questão: (“o que é o LDRV para você?”) objetivava entender a relação dos usuários com o grupo. O espaço para as respostas permitia textos longos, com intuito de identificar os principais laços sobre a comunidade, a ideia de pertencimento dos usuários nessa ambiência. A pergunta era obrigatória, logo, foram registradas 318 respostas¹⁶.

Para alguns usuários, o LDRV é um espaço de descontração, uma “fuga da realidade” (respondente n.183, mulher, 18 a 25 anos) e uma “válvula de escape” (respondente n.201, mulher, 18 a 25 anos) dos dramas do cotidiano, muitas vezes através dos próprios relatos, quando compartilhados com deboche. Algumas pessoas afirmaram que só utilizam o *Facebook* hoje em dia para acompanhar o grupo, definido como o “melhor lugar da *internet*” por um dos respondentes.

Também foi citado o “efeito terapêutico” por parte de alguns usuários: “um porto seguro, uma terapia, um consolo diário” (respondente n. 40, mulher, 18 a 25 anos); “foi uma forma de amenizar a depressão. É o que me faz rir nos dias mais sombrios, quando acho que a vida está toda errada. É meu lugar de escape onde me sinto pertencente a algo grande” (respondente n. 241, homem, 26 a 30 anos). Ou ainda mais detalhadamente:

O LDRV é meio que uma terapia para mim. Há publicações das quais eu me identifico, outras que servem como um “tranco” para minha vida pessoal/profissional, outras que fazem eu perceber que em um relacionamento há coisas que são super normais, dentre outras coisas.

¹⁶ Apresentamos apenas algumas respostas em virtude do espaço do artigo.

Mas tem uma coisa que o LDRV me ensinou foi que devemos respeitar o espaço do outro, isso serve para relacionamento amoroso, familiar e de amizade (sic. respondente n. 226, mulher, 18 a 25 anos).

O sofrimento compartilhado e o “fator ajuda” se destacaram em algumas respostas: “a família desconhecida que se ajuda e sofre dos mesmos dramas cotidianos, a que me faz rir nos momentos que não estou muito bem e onde sempre que podemos, um ajuda o outro” (respondente n. 23, mulher, 18 a 25 anos); “um “lugar” que eu posso interagir, ajudar e ser ajudada, me divertir e encontrar pessoas que passam pelas mesmas coisas que eu, o que me faz sentir acolhida” (respondente n. 26, mulher, 18 a 25 anos); e “uma rede na qual você se conecta com várias pessoas, vê que não está sozinho tanto nos piores quanto nos menores problemas, um lugar que faz rir e distrair” (respondente n. 27, mulher, 18 a 25 anos).

Algumas respostas foram mais complexas, relacionando as características anteriores, mas também o caráter social do grupo:

Vejo o LDRV como uma grande comunidade que tem o propósito de conectar as pessoas e ser uma rede de suporte social para a comunidade LGBTQI. Por ser hétero, o grupo me ensina todos os dias como ser mais inclusiva e a importância da diversidade. No entanto, também me mostra os problemas existentes intrinsecamente na comunidade e como, por mais que nos achemos todos muito desconstruídos, ainda reproduzimos padrões de opressão (respondente n. 71, mulher, 18 a 25 anos).

Um grupo de compartilhamento de experiências, que dá a ideia de que o drama cotidiano na vida das pessoas é algo em comum, porque a gente termina por se identificar com situações e as torna engraçadas. No final acaba se tornando uma rede de apoio, porque acredito que há pessoas que precisam muito desabafar com qualquer pessoa que se importe (respondente n. 176, mulher, 18 a 25 anos).

Algumas pessoas acreditam ainda que esse ambiente é seguro de julgamentos e que nele podem ser “livres e sem máscaras” (respondente n.242, mulher, 31 a 35 anos). Por fim, destacaram-se também, embora poucas, algumas respostas que contrapõem a atmosfera positiva destacada pela maioria dos respondentes. Para alguns, o LDRV é “um grupo inclusivo, mas que também mostra como as pessoas sempre querem se sentir superiores aos outros” (respondente n. 208, mulher, 18 a 25 anos) e que “poderia ser bem mais divertido se as pessoas não forçassem tanto a barra” (respondente n. 295, mulher,

18 a 25 anos), pois há pessoas que “querem mais chamar atenção do que ajudar/compreender o outro” (respondente n. 298, mulher, 18 a 25 anos).

Algumas conclusões

A ideia de intimidade parece se reinventar constantemente a partir das transformações sociais ocasionadas pelo desenvolvimento tecnológico. No que se refere ao LDRV, verificamos que o compartilhamento do cotidiano é a principal ferramenta para a aproximação entre os usuários na rede, principalmente a partir de temáticas dramáticas, que compõem cerca de 70% das publicações do grupo.

Entre os tipos recorrentes de publicações, estão as performances catárticas, “uma espécie de catarse cotidiana, desenvolvida por meio de relatos e postagens na rede, cujas experiências contemplam não apenas eventos trágicos pessoais (...), mas também narrativas de indignação” (REZENDE, 2014, p.144), nas quais, na maior parte das vezes, tornam-se catarses coletivas no grupo, ou seja, os usuários compartilham dos dramas uns dos outros.

Dunker (2017) afirma que “a experiência da intimidade introduz o compartilhamento do possível, o reconhecimento do que não se pode partilhar e o cuidado com o impossível de ter e de ser”, o que parece uma tarefa cada vez mais árdua diante de uma característica central proporcionada pela internet: o poder de fala. Nas redes sociais, a fala parece acessível a qualquer indivíduo, sem hierarquias, deixando todos sujeitos na mesma exposição, mas também proporcionando a mesma capacidade de “se produzir” para o outro, através dos recursos disponíveis.

O que se destacou nessa análise foi a aproximação nas relações sociais através do compartilhamento do que os membros do grupo não consideram suficientemente bom expor abertamente. Esse comportamento está pouco atrelado à hipótese de que os indivíduos teriam a falsa sensação de dissociação entre o mundo real e o mundo digital como um espaço virtual, uma vez que essa não foi uma justificativa apresentada em muitas respostas. De modo geral, os resultados indicaram que os usuários são conscientes de que, mesmo em um ambiente “controlado” como o grupo fechado LDRV, não é possível garantir que eles estejam totalmente seguros. Mesmo assim, a vontade de compartilhar tais relatos é maior que o receio da exposição da vida íntima à desconhecidos na rede.

Os relatos incorporam elementos enraizados na experiência individual dos usuários na rede, mas que quando circulados nessa plataforma tornam-se experiências coletivas a um só tempo, ou seja, no tempo da partilha no interior dessa rede que se constituem enquanto espaços de catarse, onde os usuários podem ressignificar seus medos, expor seus anseios, explicitar seus sentimentos (REZENDE, 2014, p. 154).

Nesse sentido, podemos dizer que a hiperexposição, apesar de estimulada pelas redes sociais, não é apenas uma consequência desses espaços, mas uma opção dos indivíduos pela partilha, pelo pertencimento.

A dicotomia entre o público e o privado também se torna complexa nas redes sociais, uma vez que as antigas definições não correspondem mais, totalmente, ao que os indivíduos mostram ou ocultam nesses espaços.

Em síntese, concluímos que a reconfiguração da intimidade é mais uma experiência da vida mediada, que vai se “reinventando” nas redes, através do testemunho vivencial dos atores, que partilham cada vez mais o cotidiano. Aos poucos, entre curtidas e compartilhamentos, é como se sempre tivessem feito parte da vida um do outro, mesmo que continuem sendo desconhecidos.

É inevitável que todas as discussões teóricas sobre relacionamentos passem pela questão do “eu”, e é preciso considerar que a hiperexposição sobre a qual falamos, ocasionada pela dinâmica das redes sociais e pela ampliação da visibilidade na *internet*, não implica, necessariamente, um conhecimento maior sobre quem é o outro. Na intimidade inventada nas redes, com diversos recursos para essa edição de si, “mostrar também é uma forma de se esconder” (BRUNO, 2013 *apud* BELELI, 2017, p. 344), ou seja, não há nada mais privado que tornar a intimidade pública.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**; tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BELELI, Iara. Reconfigurações da intimidade. **Revista Estudos Feministas**, v.25, n.1, p.337-346, Florianópolis, 2017.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**; tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FRAGOSO, Suely. RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2013.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**; tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

REZENDE, Renata. A catarse cotidiana: performances dramáticas no Facebook. **Culturas midiáticas**, v.7, n. 13, p.142-156, 2014.

SIBÍLIA, Paula. **A intimidade escancarada na rede: blogs e webcams subvertem a oposição público/privado**. In: anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Belo Horizonte, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SOUSA, Stefani. Falamos com Kaerre Neto, nome por trás do LDRV, um dos maiores grupos do Facebook. 2018. Disponível em: < <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Carreira-e-dinheiro/noticia/2018/11/falamos-com-kaerre-neto-nome-por-tras-do-ldrv-um-dos-maiores-grupos-do-facebook.html>>. Acesso em: 01 abr.2019.

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade**; tradução: Wagner de Oliveira Brandão. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.